

ARTE E ARQUITETURA: desenhos do lugar

Maria Luiza Fatorelli (Malu Fatorelli) - UERJ

RESUMO

O artigo examina a questão da escala e da dimensão consideradas no âmbito de obras artísticas da autora. Escala e medida, internas ao trabalho, agenciam operações relacionadas ao espaço e à arquitetura que as obras analisadas problematizam a partir de dispositivos do desenho.

Palavras-chave: arte contemporânea, arte e arquitetura, desenho.

ABSTRACT

The article exams scale and dimension issues according to artistic works of the author. Scale and measure, analyzed inside the art work, are related to space and architecture and deals with space trough drawing mechanisms.

Key words: *contemporary art, art and architecture, drawing*

O artigo examina a questão da escala e da dimensão consideradas no âmbito de duas instalações da autora realizadas em diferentes momentos de sua trajetória artística. A escala e a medida, referentes a cada trabalho, agenciam operações relacionadas ao espaço e à arquitetura que as obras analisadas problematizam a partir de dispositivos do desenho.

Os trabalhos escolhidos como referência para este artigo foram realizados no espaço do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM) e também no Campus Maracanã da UERJ. O primeiro data de 2002, no MAM do Rio de Janeiro, no projeto *novas direções*. O segundo, em 2011, foi instalado no Campus Maracanã na exposição *Campus Des-situado*. Nove anos separam cronologicamente a realização destes trabalhos e esta distância é diretamente proporcional à dimensão de cada um em sua relação com o espaço arquitetônico e os lugares escolhidos. No trabalho do MAM a arquitetura é redesenhada a partir do contato do papel e do grafite mediado pelo gesto manual que registra os relevos da superfície. No segundo um desenho de 120m atravessa 11 andares do edifício do Campus da UERJ.

Distâncias milimétricas de contato e proximidades táteis se contrapõem ao desenho da altura do edifício. Escalas do corpo e da cidade/campus se revezam nestes trabalhos que problematizam os espaços arquitetônicos em uma espécie de desenho dos lugares.

No caso do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, projetado por Affonso Eduardo Reidy, o desenho buscou registrar parte da memória do processo construtivo revelada na superfície das paredes do edifício. Refiro-me às marcas das formas de concreto que moldaram as paredes/estrutura do projeto moderno.

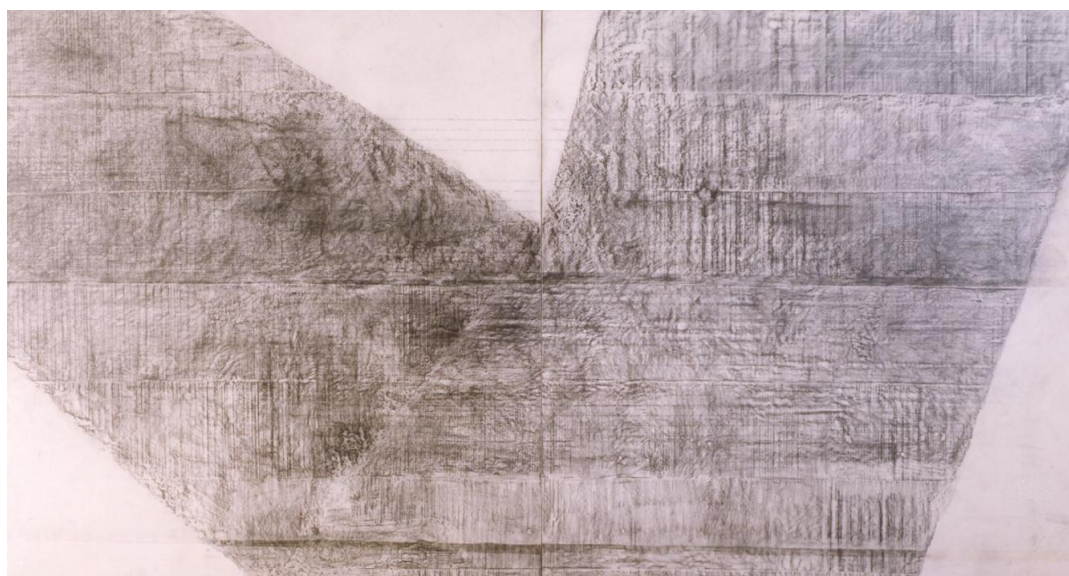


Colunas do MAM, 2001.
Encáustica, frotagem s/papel de arroz e s/tela. 1.70x1.70m

Para ver muito de perto, é preciso utilizar o sentido do tato. A frotagem,

escolhida como técnica para iniciar o trabalho, pode ser pensada como uma espécie de visão de cego. Nesse procedimento, o tato adquire uma primazia sobre o ótico, e a imagem resultante do contato entre o gesto e a arquitetura, registrada em grandes papéis de arroz, é impregnada pelo relevo da matéria da superfície arquitetônica. Desta forma, a frotagem ironiza a primazia ótica da arte, agenciando aproximações afetivas e territorializadas da arquitetura.

Ao falar das marcas monotípicas que Mira Schendel realiza sobre o papel, Guy Brett aponta uma combinação de gesto ativo e impressão passiva, produção/reprodução. Essa me parece uma lógica aplicável neste trabalho, no qual o papel é transferido para o suporte da pintura propondo dialogar com esse plano/território histórico da arte. O tamanho do chassis remete à medida do meu corpo; o procedimento da frotagem é um diário de reconhecimento das marcas da superfície do edifício como tatuagens espaço/tempo.

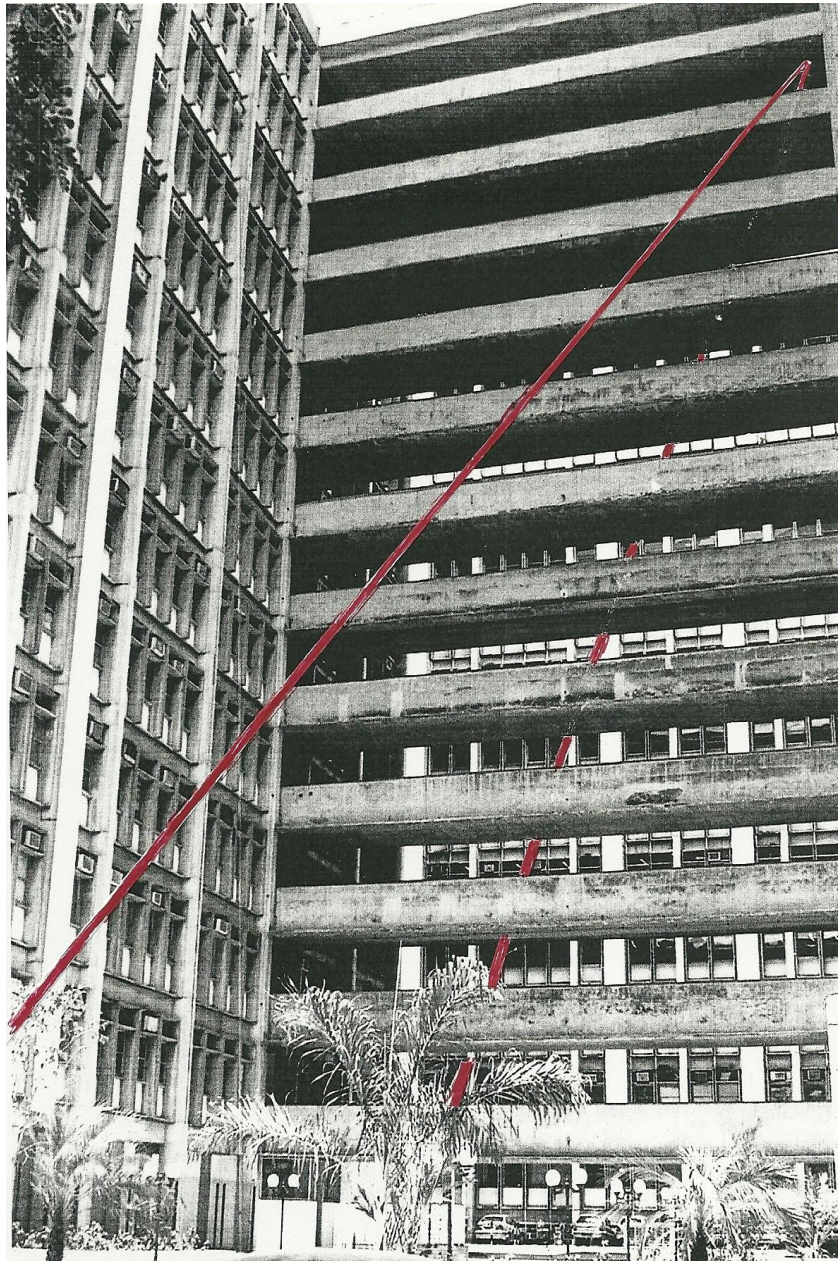


Coluna do MAM , 2001

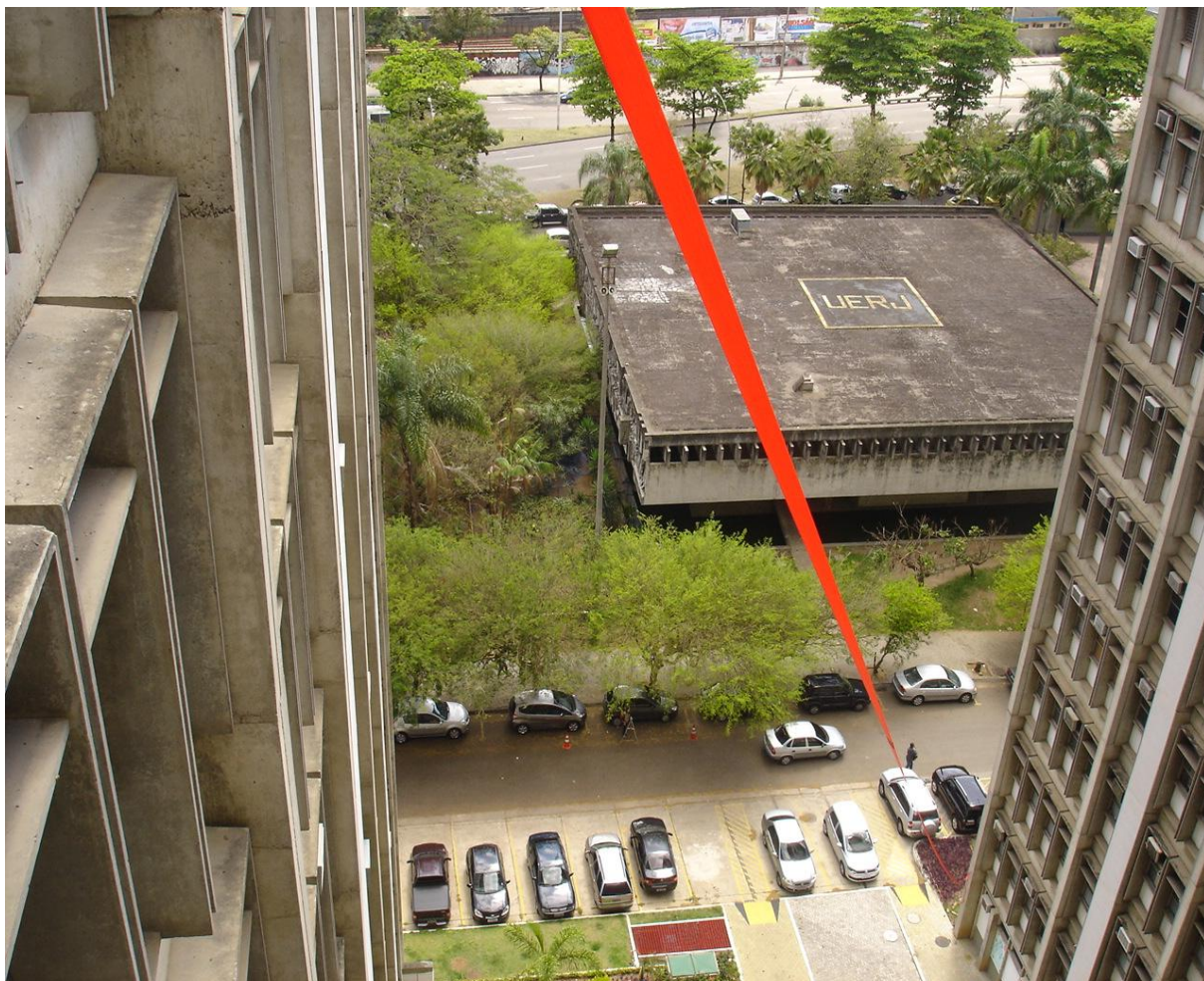
No processo de realização do primeiro trabalho o contato entre arquitetura e desenho se constitui em uma proximidade milimétrica. A linha do desenho/frotagem dobra os relevos e ranhuras da superfície em uma espécie de mapa/paisagem que ao mesmo tempo são caminhos percorridos pelo gesto e pelo lápis na superfície do edifício, é também registro da memória construtiva do espaço arquitetônico. Sobreposição de desenho e projeto, essas imagens

gráficas transportadas para telas com medidas relacionadas ao tamanho do corpo da artista escapam da sua escala original e assumem uma dimensão enigmática sugerindo diferentes leituras.

O segundo trabalho escolhido como suporte para este texto é um desenho no espaço na escala de 1:1 em relação aos edifícios da UERJ do Campus Maracanã. Uma “linha” de cento e vinte metros de comprimento terá seu ponto de inflexão no décimo primeiro andar na entrada do Instituto de Artes. Esta linha no espaço “desenha” tridimensionalmente, de um lado, uma diagonal estendida do IART até a base do bloco D; do outro, traça uma ligação entre o IART e o DECULT atravessando a altura dos 11 andares, sendo ancorada na parede externa do Departamento Cultural.



Projeto Desenho no Campus, 2011



Desenho no Campus, 2011

O trabalho pretende tornar “visível” uma relação simbólica entre o IART, diferentes institutos e o Departamento Cultural. Ao olharmos o desenho de frente para a praça, entre os blocos D e E, veremos uma linha contínua e outra tracejada, por trás das passarelas, que remete a códigos gráficos do desenho de arquitetura. Se olhássemos o desenho/instalação como uma planta de arquitetura, veríamos uma seta apontando para o Instituto de artes.

A escala 1:1, ou seja, a contraposição da escala real ao desenho e ao edifício provoca a possibilidade de diferentes leituras do espaço sobrepondo a experiência do lugar ao desenho, ao conceito espacial do edifício. Maquete e planta baixa são convidadas a conviver sob a linha do desenho instalado no espaço que localiza o Instituto de Artes e sugere um estranhamento na percepção cotidiana da arquitetura do Campus da UERJ.

Chegamos na questão entre escala e dimensão: os dois trabalhos examinados estão em uma escala real 1:1, mas com dimensões bastante diferentes. Se o primeiro traz micro linhas, capturas das partículas da superfície das paredes, o outro mostra uma linha com mais de uma centena de metros rivalizando com a dimensão da fachada. Mas o enfrentamento da medida nos dois trabalhos corresponde à escala real que a partir de operações gráficas se desloca provocando novas visibilidades.

Michel de Certeau cita o exemplo das *Metaphorai* – nome dado ao transporte coletivo na Atenas contemporânea. Toma-se uma “metáfora” para ir de um lugar ao outro¹. O autor compara os relatos às *methaphorai*, pois elas atravessam e organizam lugares, são percursos de espaços. Assim também os desenhos apresentados sobrepõem, organizam e evidenciam percursos, registros e memórias que ativam os lugares.

A mesma escala vibra em diferentes dimensões nos desenhos que ativam percursos do olhar e aproximam espaço e lugar na intervenção artística, nas “metáforas” do desenho como condutores conceituais da percepção.

¹ CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Malu Fatorelli

Doutora em Artes Visuais (EBA-UFRJ). É professora adjunta do IART-UERJ e da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Foi Artista Visitante na Escola Internacional de Gráfica de Veneza, Itália; na Ruskin School of Drawing and Fine Arts da Universidade de Oxford, Inglaterra e no Headlands Center for the Arts, São Francisco, CA. EUA. Apresentou sua obra em museus e galerias no Brasil, na França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Cuba e China.